





Os investigadores têm obtido estimativas de distribuição a partir de modelos computacionais que extrapolam o nicho ecológico de uma espécie a partir dos dados de localização existentes e das variáveis do ambiente. Mas no caso de espécies tão móveis como os cetáceos, que vivem num ambiente tão dinâmico como o oceano, com que intervalo de tempo – dias, semanas, meses – devem as variáveis ambientais ser introduzidas no modelo de forma a que os resultados sejam o mais precisos possível?

“A questão em si depende muito da espécie a estudar. Por exemplo: para espécies altamente dinâmicas como a baleia de barbas é muito melhor usar dados semanais. Mas para isso precisamos de uma recolha de dados constante, um grande esforço de amostragem, que neste caso foi obtido graças à colaboração das empresas turísticas de observação de cetáceos”, explica Marc Fernandez Morron, primeiro autor do artigo e investigador do [Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais – cE3c](#) e da Universidade dos Açores.

Este estudo só foi possível porque os investigadores puderam recorrer a dados detalhados das dez espécies de cetáceos mais avistadas no arquipélago dos Açores, entre janeiro de 2009 e dezembro de 2015. Nas suas viagens turísticas – que embora tenham um pico de afluência durante o Verão, ocorrem durante todo o ano – os operadores de observação de cetáceos anotam as espécies que observam, contam animais e registam a sua posição. Estes dados são submetidos na [plataforma MONICET](#) – uma base de dados online inaugurada em 2008 e que conta com o apoio do Governo dos Açores – acompanhados de fotografias para identificação das espécies. Todos os dados são validados por especialistas antes de serem disponibilizados online.

“Na atualidade o MONICET encontra-se numa fase adulta, com dez anos de funcionamento e oito empresas a colaborar. Estamos a trabalhar para que tenha uma maior autonomia, com candidaturas a novos projetos para melhorar e expandir a plataforma para outras áreas. Ao mesmo tempo estamos a trabalhar para demonstrar outras potenciais utilidades dos dados recolhidos pelos nossos colaboradores que possam ser úteis não só para as próprias empresas como também para a gestão e conservação dos cetáceos”, frisa Marc Fernandez Morron.

**Gabinete de Comunicação do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais – cE3c**

© 2018 – Ciência na Imprensa Regional / Ciência Viva

← [Cordinhã organizou concurso de vinhos](#)



ípi  
o  
de

**Mira promove a Campanha Natalícia “Em Mira...o Natal é no Comércio Local!”**

📅 30 Novembro, 2018



Mu  
nic  
ípi  
o  
de

**Cantanhede celebra Centenário do Armistício da Grande Guerra**

📅 9 Novembro, 2018

## Ciência, Cultura e Saúde



Est  
ud  
an  
tes  
da

**UC criam aplicação para ajudar quem tem limitações na voz**

📅 4 Dezembro, 2018



Ch  
eir  
o  
de  
Ch

**uva”, de Olga Resi, teve apresentação na Biblioteca Municipal de Cantanhede**

📅 14 Novembro, 2018



Di  
ab  
ete  
s